

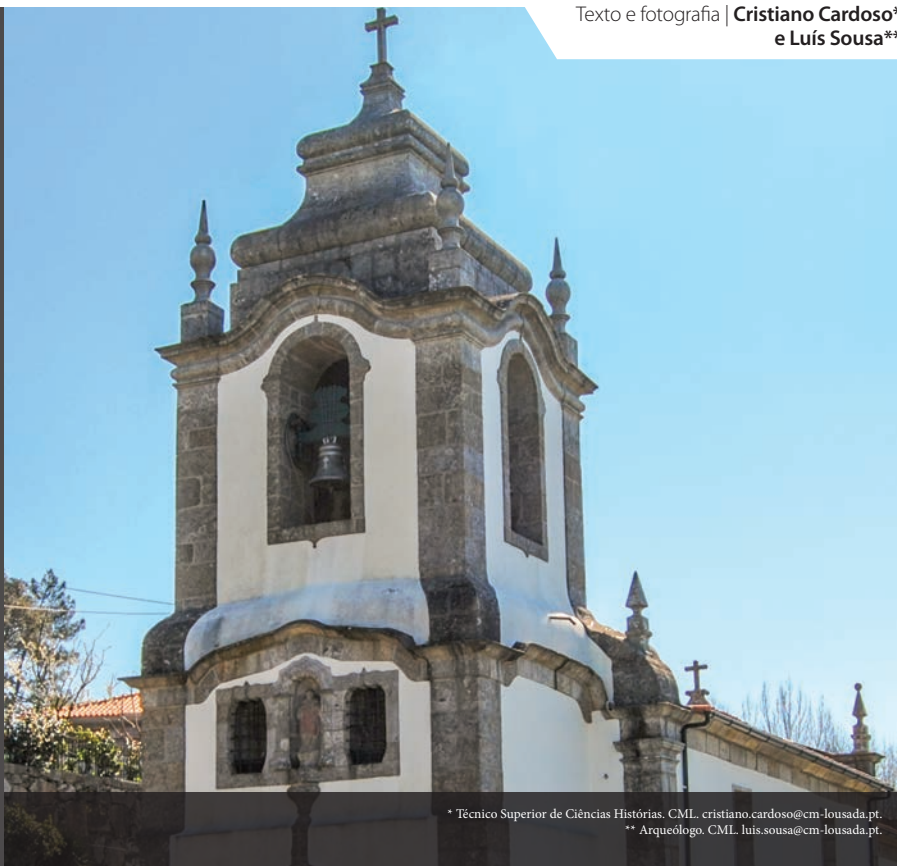
SUPLEMENTO

DO PATRIMÓNIO

Santo Estêvão de Barrosas em 1758: memória paroquial, toponímia e património

Texto e fotografia | Cristiano Cardoso*
e Luís Sousa**

Na prossecução dos artigos que vimos divulgando na Revista Municipal, concernentes às Memórias Paroquiais do concelho de Lousada, centramos agora o presente texto na apresentação da memória de Santo Estêvão de Barrosas. Tal como praticado nos artigos anteriores, transcreve-se individualmente a memória respeitante à paróquia de Barrosas, procedendo-se à análise de alguns dos seus conteúdos considerados de maior relevância para melhor compreender esta circunscrição em meados da centúria de setecentos.



* Técnico Superior de Ciências Históricas. CML. cristiano.cardoso@cm-lousada.pt.

** Arqueólogo. CML. luis.sousa@cm-lousada.pt.

A PARÓQUIA

Situada na parte setentrional do concelho de Lousada, a paróquia de Santo Estêvão de Barrosas, em virtude da sua posição topográfica, para lá da barreira da serra de Campelos, desfru-

ta muito da influência do rio Vizela e de um certo contexto sócio-cultural e geográfico que caracteriza este território. Não admira pois que ao longo de todo o Antigo Regime tivesse pertencido administrativamente ao termo de Guimarães. Com a reforma de 1836

passou para o efémero concelho de Barrosas, extinto em 1852, e só nesta altura transitou para o concelho de Lousada. Em termos eclesiásticos esteve sempre sob a administração da arquidiocese de Braga até 1882, passando então para a diocese do Porto.

MEMÓRIA PAROQUIAL DE BARROSAS: TRANSCRIÇÃO

Eu o padre Jeronimo de Araujo, abade da parochial igreja de Santo Estevam de Barrosas, faço certo em como satisfazendo a hua ordem do muito Reverendo Senhor Doutor Provizor da Corte e cidade de Braga, e junto com ela hua de Sua Magestade Fidelissima, e dando satisfação à ditta ordem e ao que nella se determina. Está esta freguezia de Santo Estêvão de Barrosas situada na Provincia de Entre Douro e Minho e pertense ao Arsebispado de Braga Primaz e no governo temporal pertense à comarca e termo da villa de Guimaraes e não pertense

a outra freguezia algua. E hé terra de El Rei Nosso Senhor e não pertense a outro donatario algum. Tem esta freguezia sessenta e seis moradores e duzentas e sincoenta pessoas. Está esta freguezia situada entre dois montes, em hum valle, e se descobre della a freguezia de Santa Eulalia de Barrosas, e também parte da freguezia de Santiago de Lustoza. E terá de distancia meio cuarto de legoa. Não tem esta freguezia termo seu, hé do termo da villa de Guimaraens. Está esta parochia dentro da freguezia, junto a hum lugar chamado o Porguntouro. Tem esta freguezia

vinte e sete lugares, a saber, o lugar do Porguntouro, Bufareira, Fontainhas, Longra, Cruz, Carvalho, Bentusellas, Outeiro, Santo André, Ledesmas, Barrias, Trاسبoussó, Arraial, Souto, Além, Cazal, Sima de Villa, Venda, Carmo, Boussa Alagada, Senhor do Padram, Boa Vista, Boussa, Mata, Incados, Lama e Igreja. O orago desta freguezia hé Santo Estêvão. Tem três altares a igreja, a saber, hum do Santissimo Sacramento, outro da Senhora do Ruzario, outro do Martir Sam Sebastião. E não tem naves e tem hua ermandade das Almas. O parochio desta freguezia hé

abbade, hé apresentação da Mitra de Braga, Arcebispado Primaz. E renderá esta abbada, hum anno por outro, de frutos certos e incertos, duzentos e oitenta mil reis. Nam tem esta freguezia beneficiados. Também não tem conventos de religiosos, nem de religiosas. Também não tem hospital, nem caza de Mesericordia. Tem esta freguezia três ermidas, hua de Nossa Senhora do Carmo, sita no mesmo lugar do Carmo, que pertense ao padre Luiz Ferreira de Mello, e não acode a ella romage. A outra ermida de Santo André, sita dentro do mesmo lugar de Santo André, que pertense a João Pacheco, do mesmo lugar, e não acode a ela romagem. E outra do Senhor do Padram, sita no mesmo lugar do Senhor do Padram, que pertense ao parrocho desta freguezia, e não se diz inda missa nella por não estarem as obras findas e alguns romeiros concorrem, mas não tem dias certos. Os frutos desta freguezia que os moradores colhem em maior abundancia hé milham e vinho verde. Não tem esta freguezia juiz ordinario, nem camera, está sugeita ao governo das justissas da villa de Guimaraens. Não hé couto, nem cabessa de

concelho, honra, nem betria. Hé termo da villa de Guimaraens. Não há memoria que desta freguezia florecessem, nem della sahissem alguns homens insignes por Virtudes, Letras ou Armas. Não tem esta freguezia feira. Não tem esta freguezia correio e se serve do correio da villa de Guimaraens, que dista desta freguezia duas legoas. Dista desta freguezia à cidade de Braga, capital deste Arcebispado, sinco legoas e à cidade de Lisboa, capital do Reino, sincoenta e oito legoas. Nam há fonte, nem lagoa que suas agoas tenham virtude especial. Também não hé porto de mar. Nam hé terra morada, nem prassa de armas. Não há serra, nem rios de que se faça especial memoria. Não padeceo ruina no Terremoto de mil e setecentos e sincoenta e sinco. Tem esta freguezia hum caza chamada do Carmo, sita no mesmo lugar do Carmo, que consta de boa galaria em sua varanda de colunas de pedra, e seu patio com suas ameias, no qual está a ermida de Nossa Senhora do Carmo, de que atrás faço menção, cuja caza e ermida foi de Baltazar Ferreira de Mello, morador que foi na mesma caza, e hoje pessue seus descendentes, que tem seu brazão, que

consta ser da familia dos Ferreiras e Mellos, no qual brazão vi fazer graça e mersê o Senhor Rei Dom João Quinto, ao ditto Baltazar Ferreira e Mello, e a todos os seus descendentes, que gozariam de todas as honras, privilegios, liberdades, graças, inzençoens e franquezas que hão e devem haver os Fidalgos de Solar e de antiga Linhagem, cujo brazão se acha registado no Cartorio dos Brazoens da Nobreza de Portugal, no livro nono e folhas sincoenta e sinco. Hé o que posso informar conforme os interrogatorios da ditta ordem, o que tudo vai na verdade e assignada pellos dous parochos mais vezinhos. E não achei haver mais outros pervilegios e antiguidades alqua. E os ditos parochos mais vezinhos são o reverendo abbade de Santa Maria de Idomis (sic, por Idães), Joam Jozé de Souza e Silva, e o reverendo abbade de Sam Vicente de Souza, Jozé Ribeiro dos Guimaranis. E pellas ditas informaçoens estarem na verdade assignaram comigo, hoje de Abril dezacete de mil e setecentos e sincoenta e oito annos. O abbade Jeronimo de Araujo. O abbade João Jozé de Souza e Silva. O abbade Jozé Ribeiro dos Guimaraens¹.

1 CAPELA, José, MATOS, Henrique e BORRALHEIRO, Rogério – As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, história e património. Braga: ed. autor, 2009. p. 300.

TOPONÍMIA, PATRIMÓNIO E PERSONALIDADES

TOPONÍMIA

Denominação (antiga-1758/actual)	Nota etimológica/Ref ² , bibliográficas/Observações
1 Além	Topónimo de cariz geográfico, possivelmente associado à topografia do terreno. Parece expressar distanciamento a algo, um casal, curso de água, etc.
2 Arraial	Do singular masculino <i>arraial</i> . Topónimo que ocorre ao lado de <i>real</i> «acampamento».
3 Barrias	Topónimo feminino, plural do adjetivo <i>barrio</i> , significando terras.
4 Bentusellas/Ventuselas	Topónimo de conotação evidente, derivando de vento.
5 Boa Vista	Topónimo muito frequente em Portugal. A sua origem parece evidente, conotando-se com espaço de onde se obtém larga e bela “vista” de uma determinada parcela do território que desse local se domina visualmente.
6 Boussa/Bouça	Terra inculta, imprópria para uma actividade agrícola extensiva. Poderá também revelar local onde se recolhem matos para a cama dos animais e lenha.
7 Boussa Alagada	Terra inculta, imprópria para uma actividade agrícola extensiva em virtude da presença de grande quantidade de água.
8 Bufareira	Topónimo relacionado a presença abundante da planta bufeira no local.
9 Carmo	Do grego <i>Chármos</i> . Deduzido de <i>Carmelo</i> ou <i>Carmel</i> . Hagiotopónimo relacionado, neste caso, com a presença de uma capela com a invocação a N. Sra. do Carmo.
10 Carvalho	Topónimo que revela ter existido no lugar a que dá o nome uma árvore cupulifera conhecida por produzir bolotas.
11 Casal/Casal	Por casal entende-se uma unidade agrícola composta pela habitação e por outras estruturas como a adega e lagar, celeiro ou palheiro, cortes para animais e lojas para recolha de alfaias agrícolas.
12 Cruz	Termo porventura relacionado com a presença de um símbolo composto por duas partes que se cruzam, podendo ter carácter religioso ou não.
13 Fontainhas	Topónimo muito frequente. Plural derivado de <i>fontaina</i> . Diminutivo do antigo <i>fontã</i> (latim <i>fontana</i> , fonte).
14 Igreja	Topónimo relacionado, por proximidade, com o sítio onde se acha erigida a igreja de Santo Estêvão de Barrosas.
15 Incados	-----
16 Lama	Topónimo frequente no norte de Portugal e Galiza. Do singular feminino lama, este do latim <i>lama</i> , de provável origem pré-celta. Aqui deverá relacionar-se com área onde abundam as águas, que tornam pesadas as terras agrícolas.
17 Ledesmas	Plural de ledesma. Expressa povoação.
18 Longra	Tem origem do latim <i>longōla</i> , diminutivo feminino de longuas? De Lóngara, de origem pré-romana e sentido arqueológico?
19 Mata	Topónimo evidente e muito frequente, em forma simples e em formas compostas. Zona onde se recolhe cama para a corte dos animais.
20 Outeiro	Do singular masculino outeiro. De origem topográfica. Indica a presença de uma determinada morfologia do terreno de configuração aguçada e que se destaca visualmente da envolvente.
21 Porgoutouro	Poderá ter origem em <i>purga</i> , relacionando-se com alguma «saída natural das águas de uma nascente», «olho de água».
22 Santo André	Hagiotopónimo presente em razão da existência no lugar de uma capela de invocação a Sto. André.
23 Senhor do Padram	Hagiotopónimo presente em razão da existência no lugar de uma capela de invocação ao Sr. do Padrão.
24 Sima de Villa	O termo «Cabo» deverá aqui ser entendido como “extremidade” ou “fim”. Neste caso dá-nos a indicação de que se trata de um lugar afastado da «Vila», isto é, de uma zona onde é evidente a presença de um certo número de casas mais/menos próximas e que se dispõem em redor de uma parcela agrária de boa dimensão.
25 Souto	Paisagem onde abunda o castanheiro.
26 Trasboussó	Topónimo com origem topográfica. Indicativo de algo que se encontra atrás da bouça. Resulta este topónimo da junção dos termos <i>tras</i> + <i>bouça</i> .
27 Venda	Topónimo frequente na forma simples e composta. Com sentido de «albergaria», «pousada».

Anotações de etimologia dos termos representados segundo a obra de José Pedro Machado - *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. 3 Volumes. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993; *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa*. 5 Volumes. 7ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.

PATRIMÓNIO

IGREJA DE SANTO ESTÊVÃO DE BARROSAS

O actual edifício da igreja foi construído em sucessivas fases. O corpo da igreja, ou nave, ficou concluído em 1734, data da sua sagração, documentada nos registos da arquidiocese de Braga e confirmada pela gravação dessa data no cunhal sul da fachada. Pelo menos, desde 1726 que os visitantes apontavam o mau estado da igreja, tendo ordenado ao juiz do Subsino que procedesse a obras. Apesar desta obrigação os fregueses foram alcançando contínuas dispensas a este capítulo de visita e só em 1733 se verificava o começo e bom andamento das obras². Não evidenciando substanciais diferenças formais na sua arquitectura, a capela-mor terá sido edificada na sequência das obras do corpo da igreja. A torre sineira, construída na frente da fachada, empregando uma solução arquitectónica pouco vulgar na região, constitui o principal elemento diferenciador deste edifício. Não se sabe se a sua construção se iniciou em simultâneo com a da igreja, contudo a sua conclusão foi demorada, havendo obras a decorrer ainda no ano de 1797.

2 CARDOSO, Cristiano e SILVA, Elsa - “Igreja de Barrosas (Santo Estêvão)” in *Revista Municipal* (Suplemento do Património). N.º 73 (Março). Lousada: Câmara Municipal, 2010. p.1 e 2.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DO CARMO

O padre memorialista de Santo Estêvão delonga-se na descrição da Casa do Carmo, dedicando-lhe uma atenção especial não só por se tratar de uma das principais da terra, mas também, seguramente, pela beleza e inovação arquitectónica que esta construção terá introduzido na região. A capela de Nossa Senhora do Carmo, inicialmente separada da casa, foi mandada construir em 1734 por Baltasar Ferreira de Melo, que também foi o responsável por uma grande reforma da casa iniciada pela mesma época.



CAPELA SANTO ANDRÉ

No fundo do vale encontra-se outra das capelas mencionadas nas Memórias. Desconhece-se a origem da capela de Santo André, mas em 1746 foi pedida autorização para que se mudasse de local. Cerca de seis anos mais tar-

de, em 1752, o seu administrador, João Pacheco Monteiro, pediu para que a capela fosse benzedida, admitindo-se que tenha, por esta altura, sofrido alguma reforma ou reconstrução.



CAPELA DO SENHOR DO PADRÃO

Quando em 1758 o padre memorialista dedicou algumas palavras à capela do Bom Jesus do Padrão da Serra não teria ainda a percepção do fervor devocional que este culto inspiraria ao longo de mais de 200 anos. Poucos anos antes, em 1739, um homem fez erguer um cruzeiro em honra do Bom Jesus da Portela de Barrosas, junto a um caminho em plena serra. O padrão suscitou grande devoção na população, ganhando identidade religiosa própria, e dez anos depois, em 1749, já se iniciavam diligências para construir uma capela em honra do Senhor do Padrão. Só por volta de 1761 se completaram as obras necessárias à bênção da capela e à celebração de missa. Esta devoção alcançou tanta projecção na região que em 1778 a capela foi substancialmente aumentada e melhorada, pois o primitivo templo já não tinha condições para

receber tanto povo nos dias de festa. Recentemente obras de restauro vieram devolver a este edifício religioso a sua original identidade arquitectónica, artística e religiosa (pondo em destaque o milagroso cruzeiro), modernizando, mas garantindo a conservação e o respeito pela herança das gerações passadas.

